

TRINDADE, Manuel de Almeida; SOUSA, Gabriel de — *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1991. 234 p.

A história do catolicismo português no século XX ensaia os primeiros passos, pese embora o aparecimento de diversos estudos e obras em que a situação da Igreja, predominantemente na sua relação com o Estado, é analisada. E para o desenvolvimento desse estudo, tão importante quanto a análise das instituições e práticas religiosas, revela-se fundamental o conhecimento da vida e obra de algumas das figuras marcantes do catolicismo, em fase de recomposição.

Os espólios particulares, quando existem, infelizmente nem sempre são devidamente acautelados por quem de direito — sejam familiares e amigos ou instituições a quem a sua salvaguarda foi confiada — e quando conservados não são de acesso fácil. Assim, o aparecimento de crónicas, artigos e obras de carácter biográfico sobre algumas dessas figuras, realizadas nomeadamente por pessoas que com elas conviveu ou que, de algum modo, com elas travou conhecimento, constituem contributos importantes para o estudo do catolicismo na época contemporânea. E, neste campo, há variadíssimos registos e formas — do historiográfico ao apologetico, da brochura comemorativa ao estudo analítico — que, embora de valor diferenciado, são precioso material para o historiador.

Neste quadro, ganham particular destaque os estudos que D. Manuel de Almeida Trindade, bispo emérito de Aveiro, tem vindo a publicar sobre personagens da Igreja no século XX. *Figuras notáveis da Igreja de Coimbra* é uma obra que reúne cinco estudos sobre outras tantas personalidades: Doutor Francisco José de Sousa Gomes; Padre Luís Lopes de Melo; Padre Américo; Maria Carolina de Sousa Gomes; e Frei Bernardo de Vasconcelos. Os primeiros quatro estudos são da sua autoria e o último é da responsabilidade de D. Gabriel de Sousa, OSB.

Estes cinco personagens revelam traços bem diferenciados na sua caracterização: desde a origem sócio-familiar à actividade profissional, o percurso religioso e horizonte de realização humana de cada uma, a par de distintas pertenças geracionais, são aspectos que individualizam cada figura. No entanto, têm vários traços em comum: em primeiro lugar, todas têm o seu itinerário pessoal ligado à diocese de Coimbra, um dos centros de referência do catolicismo português do século XX; em segundo lugar, todas pertencem a uma mesma época, marcada pela ideia de «restauração cristã da sociedade», na valorização do terreno social sobre o político e na afirmação do primado do religioso; por último, as «Obras» a que se encontram ligadas, sem esquecer laços humanos e até familiares, aproximam estas figuras.

É no combate contra o positivismo e o laicismo que se situa o *Centro Académico da Democracia Cristã* (CADC) de Coimbra, instituição a que três destas figuras se encontram directamente ligados. O **Doutor Francisco José de Sousa Gomes** (1861-1911), lente de Física e Química na Universidade de Coimbra, professor de prestígio nacional e internacional, teve papel de relevo na génese do CADC e de muitas outras iniciativas do movimento social católico na viragem do séc. XIX para o século XX, sendo eleito Presidente da *Obra dos Congressos*, em 1908. Doutorado pela Faculdade de Filosofia em 1882, eleito sócio da Academia Real das Ciências em

1886, sócio da Sociedade de Química de Paris desde 1895, é nomeado Director da Imprensa da Universidade de Coimbra em 1900. Ao prestígio da docência aliou uma generosa acção social e cultural que marcou e influenciou gerações mais novas, como a de Luís Lopes de Melo, Francisco Veloso, seu sobrinho, Diogo Pacheco de Amorim, Manuel Gonçalves Cerejeira e os primos Diniz da Fonseca, entre outros.

Casado desde 1883, pai de dez filhos, foi um intelectual cristão comprometido nos grandes debates do seu tempo, pelo pensamento — nomeadamente através da revista *Estudos Sociais* — e pela acção directa. Como Presidente da Mesa da Confraria da Rainha Santa, para que foi eleito em 1893 e em que permaneceu até 1903, desempenhou papel relevante no reavivar o culto mariano, no contexto da afirmação do dogma da Imaculada Conceição.

A «questão social» e o debate «ciência-fé», então dominantes, estiveram na origem de alguns opúsculos da sua autoria: *A questão social*, publicado na colecção «Sciencia e Religião» da Póvoa do Varzim; *O dogma da Imaculada Conceição e os milagres de Lourdes*, publicado em 1905; *Os evangelhos e a pessoa de Jesus*, conferência publicada postumamente em 1912; e o *Manual do peregrino português em Lourdes*, que conheceu diversas edições, desde a sua ida em peregrinação no ano de 1910.

O Padre Luís Lopes de Melo é a segunda figura ligada à história do CADC, para o qual foi nomeado assistente eclesiástico em 1920. Aí desempenhou importante papel na orientação espiritual e acompanhamento das novas gerações, numa época politicamente conturbada, nomeadamente no embate com as correntes maurrassianas, que tudo procuravam subordinar ao princípio de «politique d'abord» e que a Igreja, com a autoridade de Pio XI, condenara.

O estudo aqui publicado é um pequeno resumo de uma obra mais vasta do autor: *O Padre Luís Lopes de Melo e a sua época (1885-1951)*, editado em Coimbra, em 1958. É também nesta obra que se deve procurar informação sobre o papel do Pe. Lopes de Melo na reactivação das *Conferências Vicentinas* em Portugal e na criação das *Criaditas dos Pobres*, a que adiante nos referiremos.

Oriundo de família modesta, frequentou o Seminário diocesano, vindo a ser ordenado presbítero em 1907. Com 22 anos é nomeado coadjutor do Pároco da Sé Velha, onde até ao final da vida desempenharia, pouco depois como Pároco, a maior parte do seu múnus apostólico. Licenciado em Teologia (1909), cursou ainda nas Faculdades de Direito e Letras da Universidade de Coimbra, adquirindo assim uma cultura invulgar que o tornou «contemporâneo de toda a gente». De entre os seus campos de acção, é de destacar igualmente o professorado: ensinou Teologia no Seminário Diocesano (desde 1925), Religião e Moral no Liceu «D. João III» e na Escola do Magistério Primário e, desde 1946, foi professor de Ética Militar na Escola do Exército em Lisboa.

No seu percurso, um outro aspecto a realçar, pela sua novidade: foi dos primeiros voluntários a oferecer-se para capelão militar, tendo partido para a Flandres em 1917. A sua acção levou-o a ser agraciado, em 1920, com o grau de «Cavaleiro da Ordem de Torre e Espada de Valor, Lealdade e Mérito». Do seu *curriculum* é ainda de referir o desempenho do cargo de Provedor da Misericórdia de Coimbra, para que foi escolhido em 1942 e, nessa qualidade, Procurador à Câmara Corporativa.

Bernardo de Vasconcelos (1902-1932), sétimo de oito filhos de uma família da aristocracia do Alto Minho, passou alguns dos anos mais marcantes da sua vida em Coimbra. Em 1918 matricula-se no 7º ano de Ciências no Colégio de S. Pedro, no ano seguinte entra para a Universidade e é admitido no *CADC*, factos que marcam novo rumo na sua vida, após uma crise de adolescência, cujos contornos este estudo só sumariamente apresenta. Após dois anos de interrupção, em 1922-23, retoma os estudos em Coimbra, para cursar Direito. A par do *CADC*, onde desempenhou a função de Vice-Presidente e Secretário de redacção da revista *Estudos*, a *Congregação das Filhas de Maria* e as *Conferências de S. Vicente de Paulo* proporcionam-lhe formas de empenhamento cristão.

No seu itinerário pessoal, a vivência de um retiro espiritual e uma peregrinação a Lourdes em 1923, influem decisivamente. A sua vocação religiosa afirma-se no contacto com duas fortes personalidades do presbiterado da cidade: os Doutores Manuel Gonçalves Cerejeira e Luís Lopes de Melo. A sua militância católica leva-o a idealizar uma União Católica de Estudantes Portugueses, que não chegou a vingar. No entanto, a 17 de Fevereiro de 1924 é eleito, em Coimbra, Presidente da *Liga Eucarística dos Estudantes*. Entretanto, escolher a Ordem Beneditina como forma de realização pessoal *Do Ideal Cristão* — título de uma célebre conferência do jovem beneditino.

Foi na Galiza, para onde partiu em Setembro de 1924, que Bernardo de Vasconcelos iniciou o seu noviciado na Ordem, então oficialmente dissolvida em Portugal. Após dois anos de estadia em Samos, onde estudou Filosofia, parte para a Bélgica em Setembro de 1926, para estudar Teologia. No entanto, as primeiras manifestações de grave doença, a tuberculose óssea, obrigam-no a regressar a Portugal, meses depois.

Com 26 anos de idade, Frei Bernardo da Anunciada, seu nome canónico, é admitido à Profissão Solene monástica (29 de Setembro de 1928). A doença ritma então o seu quotidiano, obrigando-o a mudar sucessivamente de residência e a contínuas hospitalizações. Impedido de prosseguir os estudos de Teologia, o acesso às Ordens Maiores é-lhe inicialmente vedado, tendo recebido as Ordens Menores em Fevereiro de 1929. O tempo de que dispõe é aproveitado para a leitura, a tradução de algumas obras e para a escrita: *Cântico de Amor*, reunindo os seus versos foi publicado em 1932; *Vida de Amor* é uma espécie de autobiografia, compilação de textos feita pelo seu Superior D. António Coelho e que foi editada, pela primeira vez, em 1933. Nas vésperas do seu aniversário natalício, a 4 de Julho de 1932, morre com quase 30 anos.

A sua figura humana, o seu percurso pessoal de entrega e sofrimento, marcaram muitos daqueles que com ele conviveram e no *CADC* repetidamente a sua memória seria invocada e a sua vida apresentada como exemplo para as novas gerações de universitários, nas grandes opções da sua juventude. Junto ao seu túmulo gerou-se grande devoção popular, facto que justificou, em 1983, a instrução de um processo canónico, entregue em Roma a 9 de Outubro de 1987.

As duas outras figuras que este estudo nos apresenta têm um traço a uni-las: o seu apostolado social junto dos mais pobres da sociedade, leva-as à «fundação» de novas instituições religiosas. **Maria Carolina de Sousa Gomes** (1892-1969), a filha mais nova do Doutor Sousa Gomes, nasceu e viveu em Coimbra toda a sua vida.

Através das *Conferências Vicentinas* e com o acompanhamento do Pe. Lopes de Melo, fez um percurso pessoal que a levou à instituição de uma nova forma de vida religiosa: a consagração pessoal ao serviço das famílias mais pobres na sociedade, na oração litúrgica e na vida em comum, à maneira beneditina. Embora conhecendo outras formas de vida religiosa, algumas aparentadas, Maria Carolina lançou uma nova instituição: as *Criaditas dos Pobres*. Inicialmente elevada à categoria canónica de «Pia União», a sua obra foi reconhecida como «Congregação Religiosa» de direito diocesano, a 11 de Abril de 1966.

Para uma análise mais desenvolvida do percurso de Maria Carolina e da fundação da nova congregação, deve-se procurar um estudo mais detalhado, também da autoria de D. Manuel de Almeida Trindade: *Maria Carolina Sousa Gomes e as Criaditas dos Pobres*, Aveiro, edição da Livraria Santa Joana, 1987.

O estudo sobre o **Padre Américo** (1887-1957), fundador da *Obra da Rua*, é a apresentação do percurso de uma das figuras mais popularizadas do catolicismo contemporâneo. Nascido no concelho de Penafiel, o mais novo de oito filhos de uma família de lavradores, Américo Monteiro de Aguiar tem um percurso acidentado e uma experiência humana rica, vivida em Portugal e em Moçambique, antes de se decidir a ser padre. O pouco que se sabe deste período da sua vida deve-se sobretudo ao testemunho de terceiros, familiares e amigos que o conheceram e que com ele privaram. Entre eles, avulta D. Rafael da Assunção, franciscano e missionário em Moçambique, depois bispo, que nele terá tido grande influência.

Em 1923, depois de abandonar Moçambique, Américo entra para o convento franciscano de Vilarinho da Ramalhosa, na Galiza, donde é despedido em Julho de 1925, porque «não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista». Devido à sua «vocação tardia» não é aceite no Seminário diocesano do Porto. É em Coimbra, já com 37 anos, que entra no Seminário (1925-26), vindo a ser ordenado presbítero a 28 de Julho de 1929. No recomeço do ano lectivo é nomeado prefeito do Seminário e professor de Português. No verão de 1930 é nomeado pároco de S. Paulo de Frades, lugar que não chegou a ocupar, devido a um cansaço cerebral.

Desde cedo, e num espírito franciscano, dedica-se ao serviço dos pobres e em particular às crianças, desenvolvendo diversas campanhas. Através delas surge uma obra em que se aliam pensamento e acção: a 19 de Março de 1932 é inaugurada a «Sopa dos Pobres»; no Verão de 1935 são as primeiras colónias de férias para rapazes pobres; em 1940 abre a primeira «Casa do Gaiato» em Miranda do Corvo, a que se seguirão outras em Portugal e Angola; em 1951 suscita a construção de casas para pobres sob a designação «Património dos Pobres»; e ainda funda o «Calvário», obra para doentes incuráveis, que abre as suas portas já em 1957. Em Junho de 1956 morria, na sequência de um desastre de automóvel.

A *Obra da Rua* tornou-se iniciativa de dimensão nacional, com ecos a nível do estrangeiro, que foi continuada pel' *Os Padres da Rua*. Na sua acção, o Padre Américo (nome com que ficou conhecido) valorizava a escuta dos pobres e a sua reflexão leva-o a pregar com desassombro: o donativo daquele que tem não é esmola, mas «o simples cumprimento de um dever social». A sua intuição pedagógica no trabalho com as «crianças da rua» encontra-se já estudada como tema de tese universitária (Cf. João Evangelista LOUREIRO, *L'«Obra da Rua» et l'éducation des enfants privés de milieu éducatif*. Lisboa: INIC, 1978).

Pão dos Pobres (3 volumes) é uma recolha de textos seus, a maior parte publicados em jornais, a que há que acrescentar outros títulos: *Doutrina*, *Obra da Rua*, *Ovo de Colombo* e *Porta Aberta*, todos editados pela Casa do Gaiato de Paços de Sousa. Para o estudo do personagem, a obra mais citada é: Padre Elias, *O Pai Américo era assim*, Gráfica de Coimbra, 1960.

A par da exemplaridade das figuras apresentadas, que é intenção do autor realçar, este livro tem uma real unidade, tecida pelos laços humanos existentes entre várias personagens. Os cinco «retratos», acompanhados de algumas fotografias oferecem uma imagem viva da ambiência católica de Coimbra na primeira metade deste século. Os sumários resumidos de cada capítulo, as notas remissivas e um índice onomástico tornam este pequeno livro num instrumento útil para o estudioso da época contemporânea.

Paulo F. de Oliveira Fontes

PAIVA, José Pedro — *Práticas e Crenças Mágicas: O Medo e a Necessidade dos Mágicos na Diocese de Coimbra (1650-1740)*. Coimbra: Livraria Minerva, 1992. 292 p. Minerva-História; 8.

A obra de José Pedro Paiva, assistente do Instituto de História e Teoria das Idéias, é um contributo para o acréscimo dos actuais conhecimentos sobre as formas de vivência mágica nos territórios diocesanos portugueses, durante a longa implantação da Contra-Reforma no nosso país, bem como para o estudo do seu controlo e repressão, por parte das autoridades eclesiásticas e régias.

O autor, para traçar as suas hipóteses de trabalho e conclusões sobre as denúncias e as perseguições às práticas mágicas na diocese de Coimbra, baseou-se sobretudo nos processos da Inquisição daquela cidade e nas visitas paroquiais que, juntamente com Joaquim de Carvalho, estudou sistematicamente. Infelizmente não contemplou os dados dos livros de denúncias e do promotor do Santo Ofício, que seguramente dariam outra solidez ao trabalho (p. 236 e 273). Vale a pena sublinhar os bons conhecimentos do autor sobre a produção dos tipos de informação destas fontes e ainda sobre o seu tratamento estatístico e cartográfico informatizado, principalmente dos livros de visitas. É ainda de destacar a utilização de uma vasta gama de obras impressas para o traçado do quadro legal e processual da magia em Portugal (legislação régia, constituições sinodais, regimentos inquisitoriais, manuais de visitação) bem como o recurso a uma bibliografia actualizada, particularmente útil na abordagem conceptual, teórica e comparativa do fenómeno, a nível europeu.

O livro aborda as práticas efectuadas pelos mágicos com o objectivo de curar, proteger, adivinhar ou condicionar comportamentos e sentimentos a favor daqueles que recorriam aos seus serviços, não deixando de lado o exercício de actividades maléficas. Além desta vertente a obra especifica o perfil etário, social e educacional dos mágicos bem como os factores motivacionais que se encontravam por detrás da sua actuação. Finalmente esboça-nos um retrato da clientela deste grupo social,